



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*  
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura  
VII Encontro Local do PROLER  
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

## A DESCONSTRUÇÃO DO *ETHOS* ATRAVÉS DAS MANIFESTAÇÕES DERRISÓRIAS: O DISCURSO RELIGIOSO E AS CHARGES

Denise Gonzaga dos Santos<sup>1</sup>  
Mirélia Ramos Bastos Marcelino<sup>2</sup>  
Vânia Lúcia Menezes Torga<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é investigar, na instância da produção e da recepção, as charges como manifestação derrisória na desconstrução de um *ethos* preconstituído. Busca-se, através dela, entender o processo de produção e de recepção da charge, para perceber como esta desconstrói um *ethos* preconstituído, levando o leitor à reflexão. Para a realização desta pesquisa, utilizamos como base teórica os estudos realizados por Maingueneau (1995; 2002; 2006), Baronas (2004; 2005), Amossy (2005) e Lopes (2005). Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida no campo analítico, tendo como unidade de análise charges de motivação religiosa. Entendemos que, através do jogo de sentidos e de imagens, as charges indiciam e ironizam os dogmas religiosos que regem a sociedade, desconstruindo-os e desvelando-os.

**Palavras - chave:** *Ethos*. Derrisão. Charges. Desconstrução.

### 1 Introdução

Os estudos sobre a derrisão e o *ethos* tem ganhado nos últimos anos contribuições importantes para a apropriação e a aplicabilidade destes temas no âmbito acadêmico/pedagógico. Cada estudo realizado mostra-se relevante não só do ponto de vista teórico, mas, principalmente, do ponto de vista social. Isso porque o *ethos*, ao nos permitir trabalhar com a imagem do locutor, e a derrisão, por seu papel crítico através do humor, contribuem para a revelação de sentidos dos textos veiculados na sociedade. Tal constatação permite-nos afirmar que a relação entre *ethos* e derrisão, principalmente do ponto de vista da Análise do Discurso, é bastante solidária.

Enquanto o *ethos* visa construir uma imagem, a derrisão, em geral, objetiva justamente o contrário. Se pensarmos, por exemplo, nas charges,

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UESC), Mestranda em Letras: Linguagens e Representações (UESC).

<sup>2</sup> Graduada em Letras (UESC)

<sup>3</sup> Orientadora: Mestre e Doutora em Linguística (UFMG), Diretora do DLA (UESC), Membro do Corpo Docente do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações (UESC), Professora Adjunta de Linguística do DLA/UESC.

perceberemos que elas, enquanto manifestação derrisória, utilizam o humor como estratégia para ironizar e desvelar conceitos e preceitos que circulam socialmente. Sendo assim, é imperativo entender o processo de produção e recepção da charge, para perceber de que maneira ela desconstrói um *ethos* preconstituído, levando o leitor à reflexão.

Em vista de tal entendimento, buscamos compreender como as manifestações derrisórias, nas charges, indiciam a desconstrução do *ethos* preconstituído no discurso religioso. Nosso objetivo principal é investigar, na instância da produção e da recepção, as charges como manifestação derrisória na desconstrução do *ethos* preconstituído.

Com tal objetivo, esta pesquisa apresenta relevância teórica e pedagógica. Do ponto de vista teórico, é importante porque contribui para o estudo do *ethos* e da derrisão. Sob a perspectiva pedagógica, a pesquisa possui relevância, uma vez que os docentes podem utilizar a charge sob um novo olhar, ampliando o uso de tal gênero em sala de aula e, assim, contribuir para uma melhor formação crítica dos alunos.

## **2. Ethos e discurso**

O estudo do *ethos* vem ganhando nas últimas décadas um destaque merecido entre os estudiosos da linguagem. O termo, contudo, remonta à retórica antiga de Aristóteles, o qual conceituava o *ethos* como sendo o estilo adotado pelo locutor a fim de conquistar a simpatia e a confiança do público. Da retórica, o *ethos* passou pela Pragmática moderna até chegar à Análise do Discurso. Foi nesta área que encontrou um dos seus maiores defensores, o linguista francês Dominique Maingueneau.

É importante salientar que Maingueneau não alterou a noção do *ethos* aristotélico, mas antes de tudo ampliou-a, ao perceber em seus estudos que o *ethos* não diz respeito apenas ao discurso oral, como havia proposto o filósofo grego, mas também ao texto escrito. Segundo o autor:

Tendo o *ethos* sido conceitualizado para analisar os discursos dos oradores, temos o direito de questionar se é válido para textos escritos. [...] Longe de reservar o *ethos* aos poemas recitados ou à eloquência judiciária, devemos admitir que qualquer gênero de discurso escrito deve gerir sua relação com uma *vocalidade* fundamental (MAINGUENEAU, 1995, p.138-139).

Sendo assim, o estudo do *ethos* ganhou uma dimensão bem maior do que antes lhe havia sido destinado, já que, como afirma Amossy (1999), todo ato de locução implica uma construção da imagem de si no discurso, de forma voluntária ou não.

Para construir um *ethos*, o orador pode, entre outros recursos, utilizar-se do poder da retórica, que, segundo Reboul (1998, p. XIV), “é a arte de persuadir pelo discurso”. É interessante salientar que nem todos os discursos podem ser considerados retóricos. Tal definição aplica-se somente aos textos que tem por finalidade persuadir o seu alocutário. Uma regra geral da oratória é que o orador nunca está isolado; ele está em constante diálogo com outros oradores, concordando ou divergindo.

A dialogicidade, não só na oratória, mas em todos os atos de locução, permite ao alocutário fazer associações para preencher os sentidos dos discursos que circulam socialmente. É importante salientar que tais discursos sempre se manifestam sob algum gênero. Partindo desta afirmação, podemos dizer que, na perspectiva dialética da linguagem, é possível fazer uma associação entre gênero textual e *ethos*, pois entendemos que é no *texto* e por meio dele que o *ethos* se manifesta. Por isso, trazemos

à análise o gênero charge, um gênero que, embora possua relevantes estudos em sua direção, ainda apresenta múltiplas facetas de sentidos a serem desvendados, como a problemática do *ethos* e de como ele se configura nas charges.

Um estudo realizado por Lopes (2005) nos dá uma visão mais ampla sobre tal gênero. Segundo ela, “a charge enquanto gênero de discurso é síntese de idéias, emoções, indignações, prazer e alívio” (p. 18). Por ser um gênero que se relaciona com o humor, as charges permitem expressar uma visão indignada do mundo, livrando o chargista das sanções que as críticas em outro contexto poderiam lhe render.

Para tanto, lançam mão de estratégias discursivas, das quais destacamos a derrisão. Mistura de humor e sátira, essa técnica da enunciação, antes conhecida pela retórica clássica como “tropo zombeteiro,” procura por meios discursivos ridicularizar o adversário provocando o riso da platéia presente. Atualmente, o tropo zombeteiro foi reelaborado e passou a ser denominado pelos teóricos do discurso como *derrisão* (BARONAS, 2004).

Os textos derrisórios se revelam sob diferentes manifestações, tanto escritas quanto verbais. Assim, a derrisão está presente em charges, *cartoons*, caricaturas, piadas, pastiches, jogos de palavras etc. e os alvos frequentes desses textos são as mais diversas autoridades sociais, como políticos, religiosos e artistas.

Dos exemplos supracitados, as charges que mais geram polêmica são as que são destinadas ao âmbito religioso. Por isso, as críticas são feitas geralmente de forma mais velada, já que a Igreja, ao criar uma imagem de si como santa, pura e intocável, impõe um distanciamento de tudo aquilo que contradiz a sua imagem, ou seja, o seu *ethos*.

Esse distanciamento é facilitado pela posição que o Cristianismo, historicamente, ocupa dentro da sociedade. Enquanto instituição, a Igreja constitui uma organização relativamente fixa de padrões, papéis e relações que são sancionados pelo corpo social, a fim de satisfazer as suas necessidades básicas (FICHER, apud TRUJILLO, 1983). Considerada pelos sociólogos como uma das instituições de grande relevância para a manutenção da ordem, a religião interfere na dinâmica da sociedade, uma vez que seus dogmas e doutrinas influenciam diretamente o comportamento dos indivíduos. É por esta razão que, segundo NOVA (2000), a religião é considerada como um dos componentes do *ethos*, isto é, da maneira de ser de qualquer povo.

Sendo a religião uma grande força de influência dentro da sociedade, é interessante analisá-la discursivamente para compreender de maneira mais crítica sua atuação social, bem como a repercussão de suas ideias refletidas no modo de ser, pensar e fazer dos indivíduos. A crítica à Religião não deve ser vista como uma afronta a Deus, como poderiam julgar alguns religiosos, mas sim como uma forma de retificar certas práticas que são nocivas tanto ao indivíduo quanto à coletividade.

Este é o trabalho proposto pela derrisão, desqualificar por meio da sátira, a fim de reivindicar uma transformação social. Assim, podemos dizer que, enquanto estratégia discursiva, a derrisão possui um papel importante na desconstrução do discurso homogeneizador e autoritário da religião.

### **3. Análise do corpus**

Para exemplificar o que dissemos acima, selecionamos duas charges com críticas à Igreja, notadamente a Católica. Gostaríamos de ressaltar aqui, para fins de esclarecimento, que a Igreja citada poderia ter sido qualquer outra, já que o objetivo da charge, acreditamos, não é agredir esta ou aquela religião, mas sim fazer pensar, entre outros, sobre certas atitudes praticadas pelas instituições religiosas e sobre as imposições de comportamento aos membros de tais comunidades.

## Charge 1:



A charge acima faz alusão a um fato que causou grande repercussão tanto no âmbito político quanto cultural e ético. Em 2009, um homem estuprou e engravidou a sua afilhada de apenas nove anos. A pouca idade associada ao fato de a gravidez ser de gêmeos colocava a menina numa situação de alto risco de morte. Havia, portanto, neste caso, dois motivos legais que permitiam que o aborto fosse cometido, sem qualquer punição. O primeiro era o fato de a concepção ter sido consequência de um estupro, crime previsto em lei, e o segundo porque a gestação ameaçava a vida da mãe. Diante disso, os médicos, juntamente com a mãe da menina, resolveram por bem realizar o aborto dos gêmeos, o que desagradou completamente a Igreja Católica.

O caso ganhou espaço ainda maior na mídia quando o arcebispo de Recife e Olinda, Dom José Cardoso Sobrinho, resolveu, por cumprimento dos regimentos internos da Igreja, excomungar a mãe e os médicos que realizaram o aborto. Nesse contexto, foram divulgadas na mídia algumas charges tratando de tal tema. Observando a fala do arcebispo na charge acima, percebemos que ela está relacionada a um discurso anterior feito em 1992 pelo então candidato a prefeito de São Paulo, Paulo Maluf. Na ocasião, o ex-prefeito teria dito durante um debate sobre a violência urbana: "Se está com desejo sexual, estupra, mas não mata"<sup>4</sup>. O comentário polêmico gerou grande indignação na sociedade, pois, ao sugerir gradações para o crime, tal político criou uma falsa ideia de que existem violências mais toleráveis que outras. Ou seja, é aceitável que se estupe alguém, desde que a vida dessa pessoa seja preservada.

Percebe-se nesta charge uma aproximação entre dois *ethos* antagônicos. O arcebispo, por ser o representante da Igreja Católica, carrega em si a imagem de uma pessoa correta, digna, acima de qualquer suspeita. Já o político possui uma reputação bastante arranhada pelas inúmeras denúncias de corrupção. Duas personalidades que, em tese, são dissociáveis assumem na prática um mesmo discurso.

É inquestionável a contradição presente nesta charge. Como se pode observar, a imagem do arcebispo encontra-se no centro. Sua figura imponente, indiciando rigidez e autoridade, aponta-o como representante de todo o império iluminado (a igreja Católica). Acima de sua cabeça, percebe-se uma áurea luminosa indicando santidade, elevação espiritual. Contrastando completamente com a imagem, o seu discurso retoma a fala de um político considerado corrupto, falsário, hipócrita, alvo de muitas críticas e processos judiciais.

<sup>4</sup> Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG76838-6014-518,00-MANCADAS+HISTORICAS.html>

Percebe-se que de maneira muito sutil e artilosa a charge tenta desconstruir o *ethos* da Igreja. Ao fazer a ligação entre Maluf e o arcebispo, ele rebaixa o *ethos* pré-construído pela Igreja ao mesmo nível do *ethos* político. A excomunhão dos médicos que realizaram o aborto e da mãe da menina de nove anos demonstra que a atitude radical do arcebispo de Recife e Olinda coloca a Igreja em grande distanciamento do que era esperado pela população.

Ao seguir ao pé da letra a norma da Igreja contra o aborto, sem levar em consideração as circunstâncias – a concepção fora fruto de um estupro e a gravidez de gêmeos colocava em risco a vida da mãe – o arcebispo Dom José Cardoso Sobrinho demonstrou uma insensibilidade que não combina com a vida cristã. Isso se confirmou mais uma vez quando o mesmo disse que o padrasto, suspeito de ter estuprado a menina e, por conseguinte, ser o pai dos gêmeos, não poderia ser excomungado. Segundo Sobrinho, o aborto constitui um crime mais grave. “Esse padrasto cometeu um pecado gravíssimo. Agora, mais grave do que isso, sabe o que é? O aborto, eliminar uma vida inocente”<sup>5</sup>.

Observa-se que, ao emitir esta fala, o arcebispo também sugere gradações para o crime e, assim como o político, supostamente corrupto, propõe a tolerância para determinada violação em detrimento de outra. Embora de maneira velada, a charge leva o leitor a refletir e a questionar algumas ideias religiosas. Percebe-se que, à medida que o leitor se interessa dos fatos através de alusões e pistas implícita ou explicitamente deixadas no texto, a charge deixa de ser uma simples imagem com um pequeno discurso e passa a significar um meio de crítica, reivindicando uma transformação social.

## Charge 2:



Esta charge aborda sobre o mesmo assunto da anterior. A presença de Darwin nesta aponta para uma antiga incompatibilidade de ideias entre duas teorias: a teoria Criacionista, defendida pela Igreja, e a Evolucionista, proposta pelo naturalista britânico Charles Darwin no século XIX. Ao contrário do que afirma a Igreja, Darwin dizia que o homem, bem como todos os outros seres vivos, não provinha de Deus, mas seria fruto de uma evolução baseada na adaptação das espécies.

Quando Darwin lançou esta teoria, a Igreja, evidentemente, não a viu com bons olhos, já que era uma contradição da Bíblia, segundo a qual o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Assim que foi lançada, a proposta darwinista jogou por terra essa visão da Igreja, desconstruindo um discurso amparado na fé.

<sup>5</sup> Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1086328-5598,00-ARCEBISPO+E+PREMIADO+POR+SE+POSICIONAR+CONTRA+ABORTO+DE+MENINA+ESTUPRADA.html>

É fato que, pelo menos no âmbito acadêmico, desde o Iluminismo, a religião perdeu mais espaço para a ciência, já que o teocentrismo deu lugar ao antropocentrismo e o homem passou a ser considerado senhor de suas ações e de seu destino. A Igreja, por sua vez, coube-lhe um papel mais voltado para a função social que assume do que para a confirmação e a detenção da verdade. Ao lançar mão do discurso religioso, a charge resgata essa visão no presente para desconstruir o *ethos* da Igreja. Observamos na ilustração que a fala de Darwin ao se considerar “enganado” é uma estratégia para revelar a ironia presente no texto. Os próprios elementos da charge nos revelam tal postura.

A imagem de Darwin, em comparação ao planeta, aparece distante, bem maior e mais elevada. Além disso, a figura do naturalista britânico aparece assumindo o estereótipo de um anjo, já que está em cima de uma nuvem, com roupa branca e com duas asas. Interessante é que, mesmo estando no céu, ele não abandona a ciência, pois o livro “Teoria da Evolução” permanece em mãos.

Toda essa combinação de fatores cria no leitor certa estranheza, pois ao ir de encontro às ideias da Igreja, conforme esta prega, qualquer indivíduo, considerado herege, jamais poderia estar no céu, pois não lhe cabe tal lugar por desmerecimento. O que a charge faz é uma inversão de papéis, do que se espera da ciência e do que se espera da Igreja.

Segundo a teoria de Darwin, apenas os mais fortes se adaptam e sobrevivem ao meio. Ou seja, não se espera da Ciência uma atitude de amor e respeito. Cada um busca a sua sobrevivência sem se importar com o outro. Já a religião é tida como aquela que acolhe, ama e perdoa. Nela, não haveria espaço para a individualização, mas para a solidariedade ao outro. O que acontece na charge é justamente o contrário, é a ciência que apóia a atitude da mãe e dos médicos que fizeram o aborto, quando, em princípio, diante do contexto, seria papel da Igreja tal atitude.

Ao fazer essa inversão, a charge desconstrói o *ethos* da Igreja, pois é a ciência quem assume maior senso de humanidade, enquanto que os líderes religiosos parecem se fechar para a realidade social que a cerca. A interpretação da charge permite dizer que, ao afirmar pela voz da personagem que “a humanidade não evoluiu nada”, a Igreja continua presa ao passado, recusando-se a rever suas atitudes, impedindo assim que ela evolua com a sociedade.

Não é o caso de que a Igreja deveria abrir mão de seus princípios, mas de voltar seus olhos para o contexto em que estão inseridos os acontecimentos que ferem tais princípios religiosos. Essa observação pode ser confirmada, uma vez que, na notícia veiculada na Terra, o enfoque dado não está no ato do aborto em si, mas porque há o perdão do estuprador enquanto que, por outro lado, há a condenação da mãe e dos médicos, como se eles é quem tivessem cometido o crime, e não o estuprador.

O olhar analítico lançado para esta charge permite-nos questionar o *ethos* da Igreja, já que esta, diante de um contexto específico, vai de encontro ao que se espera da mesma. A charge consegue condensar através de recursos linguístico-visuais uma visão de mundo, levando o leitor a refletir e a questionar a autoridade e o bom senso da Igreja no que tange à questão abordada no texto, desconstruindo assim um *ethos* preconstituído.

#### 4. Conclusão

O estudo do *ethos* aliado à derrisão nos proporcionou um olhar mais crítico sobre a produção e a recepção de charges. Através desta investigação, percebemos que as manifestações derrisórias, na charge, utilizam recursos capazes de desconstruir um

*ethos* preconstituído. Entre esses recursos, destacamos a ironia, a alusão, as estratégias linguístico-visuais e a derrisão. Ao desconstruir a imagem da Igreja, a charge consegue, numa linguagem condensada e crítica, expressar um novo olhar sobre um determinado objeto, proporcionando ao leitor tanto a reflexão quanto a formação de novas ideias acerca de um determinado assunto. Entendemos que o uso de tal gênero em sala de aula pode favorecer a formação crítica do aluno, pois este, a todo o momento, é levado a uma reelaboração de conceitos ao questionar determinados dogmas e atitudes, permitindo, assim, não só quantificar, mas principalmente qualificar a sua formação intelectual, tornando-o um leitor mais crítico e perspicaz.

## **Referências**

- AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARONAS, Roberto Leiser. **Notas breves sobre a derrisão no gênero discursivo fotografia**. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/22.pdf>. Acesso em março de 2009.
- \_\_\_\_\_. **Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada**. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf>. Acesso em março de 2009.
- LOPES, Sampaio Gílbria. **Saindo dos trilhos: uma análise comparativa das charges exibidas no J.N. e na internet**. Ilhéus, BA: UESC, 2005. (Monografia de graduação).
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NOVA, Sebastião Vila. **Introdução à sociologia**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- TRUJILLO, Ferrari Afonso. **Fundamentos da sociologia**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1983.